

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS
RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

Renata MIGUEL

RESUMO: Esse artigo visa refletir como a teoria feminista, no que se refere aos papéis sociais e comportamentais atribuídos à mulher é feita através do riso no livro *O útero é do tamanho de um punho* (2012) da poeta Angélica Freitas. Investigando, sobretudo, como o combate aos discursos que reforçam esses comportamentos é feito pela autora, que se utiliza da comicidade para evidenciar e questionar as questões de gênero na realidade do séc.XXI. Metodologicamente, vale-se de estudiosos como Bergson(2007) e Freud (1970), que apresentam o caráter transgressor do riso.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia Brasileira Contemporânea; Riso; Crítica Feminista; Poesia;

Como afirma o cineasta italiano Mario Monicelli: “Fazer rir não significa não olhar em volta, ou não refletir sobre a sociedade; aliás, pode ser exatamente o oposto¹”. É isso o que faz a poeta Angélica Freitas em seu livro *O útero e do tamanho de um punho*. Durante a leitura do livro é possível perceber a manutenção do riso – presentes no livro anterior da poeta RilkeShake (2007) – para tematizar o sujeito feminino no mundo contemporâneo, evidenciando como a visão atual é uma herança da tradição que, durante séculos, reforça o lugar-comum de inferioridade da mulher ante o homem em nossa sociedade patriarcal.

O livro é dividido em sete partes que agrupam poemas que se relacionam, são essas: *Uma mulher limpa*, *Mulher de*, *A mulher é uma construção*, *Um útero é do tamanho de um punho*, 3 poemas com o auxílio do Google, *Argentina* e *O livro rosa do coração dos trouxas*. É interessante notar como nos poemas as mulheres não possuem nomes e ganham ao invés disso, rótulos, como “uma mulher limpa”, “uma mulher gorda”, “uma mulher ébria”, “mulher que não perdia a chance de enfiar o dedo no ânus”, “mulher vermelha” etc.

¹Cinema Político Italiano – Anos 60 e 70. São Paulo: Cosac &Naif, 2006, p.30

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

Um dos poemas que foge à falta de nomeação é Alcachofra:

amélia que era a mulher de verdade
fugiu com a mulher barbada
barbaridade
foram morar num pequeno barraco
às margens do rio arroio macaco
em pedra lascada, rs

primeiro a solidão foi imensa
as duas não tinham visitas
nem televisor(...)

"somos livres" dizia amélia
e se atirava no sofá
e suspirava
a mulher barbada também suspirava
e de tanto suspirar
já estava desesperada

"gostavas mais como era antes?"
Perguntou amélia, desconfiada(...)

a mulher barbada sempre fora
de poucas e preciosas palavras
quase nem falava
assentia com a cabeça, balançava-a
senão concordava, como os simples
ou os que perderam a língua
a mulher barbada simplesmente não sentia
aquela necessidade de discutir
cada coisa do dia a dia
.....(...)
"vivo com uma desconhecida"
disse amélia, certo dia, no barraco
"eu vou comprar cigarros"
disse a mulher barbada

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

"tu não vais a lugar nenhum"
disse amélia, "senta a tua bunda
peluda no sofá
que eu quero conversar"
a mulher barbada bufou
mas fez o que mandou a companheira
(...)
misteriosos pontinhos pretos
invadiram o espaço aéreo
dos olhos de amélia
e amélia disse: "chega, tu não me valorizas"
e ainda "levanta essa bunda peluda do sofá,
faz alguma coisa"
então a mulher barbada levantou a sua bunda peluda
do sofá e fez uma coisa: pegou um navio de bandeira grega
o kombustauspontanya, e zarpou para servir
na marinha, virou o cabo seraferydo
dele ou dela não se teve mais notícia
amélia voltou para pinta preta
onde foi perdoa... promovi... esfaquea...
(FREITAS, 2012, p.24)

Aqui temos a subversão – e uma espécie de paródia – de uma popular canção brasileira: “Ai, que saudade da Amélia!” Samba de Ataulfo Alves e Mario Lago (1941), que fala sobre Amélia, que não tinha a menor vaidade e era mulher de verdade. Freitas subverte a imagem da mulher “de verdade”, aqui temos a presença de Amélia que tem nome, que é “mulher de verdade” e que “fugiu com a mulher barbada”.

Nesse poema nos é apresentada as tensões de um relacionamento lésbico, onde o debate de gênero é também colocado através dos estereótipos femininos e masculinos. O primeiro representado por Amélia, que suspirava, sentia-se sozinha, falava demais, gostava de discutir todos os pormenores – todas características dos arquétipos femininos – enquanto a mulher barbada representaria a masculinidade à medida que não falava, era de poucas palavras, não via necessidade em discutir – arquétipos masculinos. Outra clara referência ao

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

comportamento masculino acontece quando a mulher barbada, cansada da tagarelice de Amélia, diz que vai comprar cigarros, remetendo a história comumente difundida de que o homem, querendo abandonar a casa e a família, diz que vai comprar cigarros e nunca mais retorna. Todas essas ações representam no imaginário social características inatas de homens e mulheres, resultantes da construção dos gêneros.

No começo do poema é mostrado que as duas mulheres resolvem fugir e vão viver “num barraco/ às margens do arroio macaco/ em pedra lascada, rs”. A localização é seguida por “rs” que tanto pode representar a sigla do estado do Rio Grande do Sul – estado natal e residência da poeta – ou até mesmo os caracteres que no dialeto da internet representam uma risada. Não sabemos se o poema é também de caráter autobiográfico, ainda que não seja, os mecanismos linguísticos se sustentam e é possível perceber como a localização é indicada de forma irônica.

Mesmo após a fuga e ruptura com a padronização sexual, a felicidade de nenhuma das mulheres é conquistada, demonstrando a natureza humana dos relacionamentos, que independente do formato, não possuem garantias e coexistem igualmente dentro da possibilidade de erros e acertos. Isso gera um movimento explicado por Nogueira:

Curiosamente, o mesmo texto que poderia ser lido como uma forma transgressora de questionar a normalidade da relação heterossexual, poderia ainda produzir um discurso acentuadamente conservador no sentido de ilustrar o fracasso do relacionamento “homo”. É nesse sentido que a linguagem cumpre papel-chave ratificando e retificando, simultaneamente, os discursos de poder. (NOGUEIRA, 2016, p.80)

MIGUEL, R.

Há ainda nesse poema uma abordagem sobre transexualidade, já que nas estrofes finais é mostrado que a mulher barbada largou Amália e “zarpuou pra servir na marinha/ virou o cabo seraferydo/ dele ou dela não se teve mais notícia”. Podemos perceber que a mulher barbada, que até o momento não havia sido nomeada, recebeu nome próprio e adquiriu uma identidade masculina, apesar de nas estrofes finais não ficar claro a sexualidade da personagem.

Podemos perceber como a autora brasileira e contemporânea traz em sua poética, através do riso e da ironia, uma crítica aos discursos sexistas que ainda hoje acometem as mulheres. No uso do humor Freitas consegue chegar a esses discursos, ridicularizá-los e criticá-los ao mesmo tempo em que propõe que sejam revistos, se alinhando à crítica feminista à medida que sua obra é calcada exclusivamente sobre a experiência da mulher.

Através do uso dos versos livres, da linguagem coloquial, das paródias, da mescla entre referências clássicas e populares, da ironia e do riso, a poeta alfineta os discursos patriarcais e faz murchar o balão das certezas contemporâneas – que pregando a pluralidade e a desconstrução, ainda polarizam certos comportamentos em femininos ou masculinos.

Durante a análise do texto é possível detectar a presença de várias vozes comuns que discursam e ditam sobre o lugar de onde se enxerga e também se fala a figura da mulher contemporânea. Vozes essas de ninguém em particular e de todos ao mesmo tempo.

Freitas privilegia o prosaísmo cotidiano e por isso apresenta uma sorte de personagens da gente comum que, mesmo ficcionalizados, fazem reflexo ao real, ao expressarem os discursos naturalizados sobre os comportamentos femininos, fazendo da poesia um espaço de discussão sobre gênero, violência doméstica, opressão através dos padrões estéticos, feminilidade, aborto, homossexualidade etc.

É importante notar, todavia, que nossa análise não se trata de estereotipar a poética de Angélica Freitas a ativismo político feminista

MIGUEL, R.

ou de reduzi-la à poesia panfletária, mas de demonstrar como a artista se dispõe dos instrumentos estéticos para a construção de uma arte que expõe a divisão das funções sociais que levam as mulheres a papéis de submissão e dependência ante os homens.

Com a estruturação da família burguesa, os papéis sociais foram mais intensamente definidos e coube à mulher encaixilhar-se em uma conduta de submissão e direcionar todos seus desejos e vontades a realização de desejos de outrem, nesse caso, do marido e filhos. Isso ocasionou um movimento de anulação e submissão por parte das mulheres. Esse movimento foi calcado em nossa sociedade e como passar dos anos, visto como natural ao comportamento das mulheres.

Todavia, os estereótipos de gêneros são construções sociais, não se nasce mulher, mas se constrói mulher, como afirma Simone de Beauvoir (1970), sendo assim ao estabelecer arquétipos de feminilidade e masculinidade e tê-los como ideais legítimos de comportamento além de se excluir os espectros que fujam a essas normas, cria-se uma coerção social “à medida que, a fim de não serem marginalizadas, muitas mulheres tendem a adequar-se a certos modelos.” (NOGUEIRA, 2016, p.74).

Podemos perceber uma referência a esses arquétipos de gêneros no próprio título do livro, como explica a crítica Anélia Pietrani:

(...) um (é bom destacar o uso desse artigo indefinido no título) útero (...) é do tamanho de um punho, um punho cerrado, um punho pronto para o soco, o murro. Punho é metáfora (gasta) da ideia de luta e de força – comumente masculina, viril -, mas se associa também a “pulso”, que é parte de outra expressão muito comum: é preciso ter pulso (firmeza, coragem) para fazer algo. Com isso, as dicotomias sexuais e de gêneros são borradas. Mulher tem pulso. É forte, é firme. É mulher, tem útero. Tem coração (PIETRANI, 2013, p. 30)

É necessário, portanto, de forma primeira, vermos como a teoria feminista presente se articula ao literário, assinalando os diálogos

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

MIGUEL, R.

existentes entre ambos ao identificar a inserção desse pensamento na prática literária da autora. A crítica feminista norte-americana Rita Felski afirma que a Literatura:

não se refere apenas a si própria, ou aos processos metafóricos e metonímicos, mas está profundamente engastada às relações sociais existentes, revelando o funcionamento da ideologia patriarcal através de sua representação de gênero e das relações masculino-feminino. (FELSKI, 1989, p. 29 apud PIETRANI, 2013)

A poesia de Angélica Freitas desnuda exatamente o exposto por Felski ao mostrar como nossas considerações sobre o feminino são convenções, criações de uma ideologia patriarcal. Freitas desmonta e denuncia essas convenções ao utilizar da ironia para falar sobre a relação de poder entre homens e mulheres e em como são falsos os ditos comportamentos femininos, sem nunca esquecer de se reconhecer como palavra ao mesmo tempo em que se significa politicamente.

Como afirma Pietrani:

Nesse jogo entre reconhecer-se palavra e significar-se politicamente, os poemas de Angélica Freitas, em *O útero é do tamanho de um punho* (...) desestabilizam, profanam, ironizam, são escritos “a partir de uma inquietação” (...) Representam uma reflexão sobre o que se tornou hoje o sentido do feminino, o que permaneceu e o que mudou sobre esse discurso, ao desmontar clichês associados culturalmente à mulher de forma incisiva e irreverente, com versos que vão da rima de efeito cômico à crítica política. (PIETRANI, 2013, p.29)

É possível perceber que esse desmanche de clichês acontece já no poema analisado “Alcachofra”, que retratam duas mulheres que contrariam o imaginário social, ainda que continuem refletindo os estereótipos de gêneros. É interessante notar, todavia, que a denúncia presente no poema não é construída em cima do “sério”, mas do riso e da ironia. O que demonstra o poder ideológico desses fenômenos.

MIGUEL, R.

O debate acerca do riso acontece desde a antiguidade clássica e permanece até os dias atuais. O valor que as sociedades atribuíram ao riso foi se alterando ao longo dos séculos e sua importância sociocultural também. Verena Alberti (1999) afirma que o riso passou de uma concepção platônica de “prazeres falsos, experimentados pela multidão medíocre de homens privados da razão” (ALBERTI, 1999) a “elemento inapreensível do belo” (BAUDELARIE, 1961) passando pelo “lugar onde o filósofo pode fazer brilhar o infinito da existência” (ALBERTI, 1999), concepção de Ritter, chegando até os dias atuais em que o riso já não é mais visto como uma representação da mediocridade humana, mas como uma atitude filosófica e até mesmo um não-lugar, que “abala as superfícies e os planos, põe em xeque as certezas de nosso pensamento, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro (...)” (ibidem, p.17).

Bergson afirma que:

“Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social. (...) O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social” (BERGSON, 2007, p.6)

Para entendermos o papel social do riso na poesia de Angélica Freitas, podemos retomar a própria teoria de Bergson, que afirma que o risível advém de uma rigidez mecânica. É uma reação imediata e punitiva à mecanização dos comportamentos e da linguagem. Para o autor “só é essencialmente risível aquilo que é automaticamente realizado” (2007, p.109). O autor ainda diz “é uma espécie de automatismo que nos faz rir” (2007, p.12). São esses automatismos que Freitas expõe em seu livro. Ao denunciar os discursos-comuns acerca da mulher, que são mecânicos, rígidos e socialmente construídos. No poema “a mulher é uma construção”, a denúncia fica clara:

MIGUEL, R.

a mulher é uma construção
deve ser

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor

particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida

(...)
(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)

ocê é mulher
e se de repente acorda binária e azul

(...)
a mulher é uma construção
maquiagem é camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

todos os amigos têm um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred Astaire

neste ponto, já é tarde
as psicólogas do café freud
se olham e sorriem

nada vai mudar –
nada nunca vai mudar –
a mulher é uma construção
(FREITAS, 2012, p.45)

No poema acima, Freitas demonstra como a mulher é um construto social ao compará-la a um conjunto habitacional, uma construção de tijolos, feita para ser padronizada.

Mas, como a autora aponta essa padronização é falha, as mulheres não são iguais umas às outras, os amigos gays, as revistas femininas não são regra. E é por isso que a construção-mulher é cheia de buracos, porque os comportamentos femininos não são naturais e os comportamentos das mulheres não são homogêneos. Inclusive a voz no poema – podemos analisa-la como sendo da própria Angélica Freitas – afirma que é uma mulher de tijolos à vista. Sem os rebocos da padronização.

A poeta chega a questionar “você é mulher/e se de repente acorda binária e azul”. Deixaria de ser mulher por isso? Demonstrando mais uma vez a artificialidade desses discursos.

Por esse motivo os poemas da autorasão espaço propício para o risível, ao percebermos os automatismos, ao nos darmos conta da arbitrariedade dos ditos comportamentos femininos e da rigidez que ronda esses discursos, rimos.

O riso em seu caráter dissonante e ambíguo possui o poder de afirmação ou subversão, o que lhe confere capacidade de mudança

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

ideológica e política, sempre acompanhando o contexto histórico-cultural em que se insere. E é no contexto teórico contemporâneo que analisamos a obra de Angélica Freitas, partindo do princípio que o riso é transgressor e que pode ser um instrumento de crítica sócio-política, na medida em que neleencontramos a possibilidade de revisar, ainda que de forma dissimulada, assim como a ironia, os discursos, a contragosto das normas sociais.

Verena Alberti afirma que:

O riso revelaria assim que o não-normativo, o desvio e o indizível fazem parte da existência (...) são inúmeros os textos que tratam o riso no contexto de uma oposição entre a ordem e o desvio, com a conseqüente valorização do não-oficial e do não-sério, que abarcariam uma realidade mais essencial do que a limitada pelo sério (ALBERTI, 1999, p.12)

O riso se configura então como um caminho desviante àquele postulado pelo “sério”, é possível entendermos “sério” aqui como relativo ao sentido de existência e, portanto, à ordem do positivo e essencial, mas também como o espaço de normas e condutas, do lugar-comum a nossa sociedade. Desse modo, o riso abarcaria aquilo que é excluído por essa ordem.

O Riso é a experiência do impossível, do impensável, ele permite pensar o que não pode ser pensado fora do comum, por isso através dele é possível acessar lugares que os sentidos comuns, os imaginários sociais não conseguem ir. Nietzsche fala em “rir para sair de toda a verdade”, rir para sair de qualquer dogma e pensamento aprisionado.

Ângela Dias afirma que:

(...) a percepção de diferença, o reconhecimento do plural, do turbulento, do desigual, implícitos numa espécie de instável conciliação, configuram o clima propício para a instauração do humor. (DIAS, 1981 apud ALAVARCE, 2008, p. 16).

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

Esse processo é constante na poesia de Freitas, a autora está a todo o momento mostrando a existência daquilo que foge a norma, reconhecendo a pluralidade de discursos, mas principalmente, a pluralidade de mulheres. Durante o texto é possível detectar a presença de várias vozes comuns que discursam e ditam sobre o lugar de onde se enxerga e também se fala a figura da mulher contemporânea. Vozes essas de ninguém em particular e de todos ao mesmo tempo.

Em alguns poemas somos facilmente arrebatados a essa representação do “turbulento”, “desigual”. É possível perceber a antítese: a figura feminina foge do lugar comum àquilo que se espera de uma mulher.

Exemplo:

era uma vez uma mulher que não perdia
a chance de enfiar o dedo no ânus
no próprio ou no dos outros
o polegar, o indicador, o médio
o anular ou o mindinho
sentia-se bem com o mindinho
nos outros, era sempre o médio
por ela, enfiava logo o polegar
não, nenhuma consequência
(FREITAS, 2012, p.23)

Aqui há a combinação de duas figuras destoantes: A imagem do ânus – ainda tabu em nossa sociedade, comumente associada à impureza e imoralidade – e a imagem da mulher – ainda hoje ligada a ideais de pureza e fertilidade. Figuras que se combinam pela presença de uma mulher que busca o prazer explorando o próprio corpo e do outro, através do sexo anal, contrariando o imaginário social do comportamento feminino. O riso está presente no poema e possui função política a partir do momento que nele se faz presente:

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

(...) justamente nessa impossibilidade de conciliação, de comunicabilidade, revelando cada contraste, cada dimensão entre o parecer e o ser, cada fissura do comportamento humano, desnudando toda a fragilidade de nossa condição (...). (MURAD, 2017p.124)

É importante observar que a personagem em questão “(...) não perdia / a chance de enfiar o dedo no ânus / no próprio ou no dos outros” e que “por ela, enfiava logo o polegar/ não, nenhuma consequência”, evidenciando o prazer individual causado pelo flagelo do outro. Oriundo de um lugar de insubmissão, se satisfaz com o mindinho, o dedo menor, já nos outros enfia-lhes o polegar, maior dedo, sem nenhuma consequência e possivelmente nenhum remorso. Demonstrando um desdém com a opinião alheia e uma posição de não sujeição, que foge dos padrões de relacionamentos sexuais entre homens e mulheres.

A naturalização da prática sexual no poema vem também de encontro a uma tentativa denaturalizar o “falar sobre sexo” e, especialmente, o prazer sexual feminino, afastando-o de uma visão antiquada que ainda o associa com uma prática oculta, em segredo, e o aproximando de um olhar mais natural, ao estabelecê-lo no discurso.

Ainda que a mulher em questão demonstre desfrutar de certa liberdade, é notável que o espaço que ela ocupa, de defeso discurso próprio, é privilegiado. Como afirma Nogueira:

Quando o sujeito dessa prática é mulher, a experiência é ampliada ao propor ou impor que se redesenhem espaços sociais. A apropriação das ações, da voz, dos espaços de poder pela figura feminina não é um movimento natural, mas sim resultado de luta, de exigências que se fazem presentes ainda na contemporaneidade. (...) há uma enorme teia de saberes construídos em torno da sexualidade que desloca o corpo e,

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO RISO EM ANGÉLICA FREITAS

sobretudo, o feminino para um imaginário interdito, para o clandestino. (NOGUEIRA, 2016, p. 82).

Nogueira também afirma que mesmo as manifestações transgressoras de sexualidade são vistas a partir de uma norma e, portanto, tudo aquilo que foge ao “normal” é visto como patológico:

Limitada à esfera doméstica, a mulher, de um modo geral, é marcada pelo mutismo de um discurso oficial. Os desejos que lhe foram produzidos, as articulações destes com a realidade que a cerca são, marcadamente, marginalizados. Isso porque, através de um longo processo de naturalização de estereótipos da figura feminina, qualquer prática considerada inadequada seria vista como anormal e, em sua maioria, patológica. Uma vez que se percebe o modo como o saber é conjugado para produzir poder, a figura feminina imerge em um enorme conjunto de “verdades” que contribuem para que ela não se aproprie concretamente dos prazeres, ou apenas os experimente furtivamente. (NOGUEIRA, 2016, p.81)

O que percebemos no poema é então o retrato de um comportamento comum, mas que nos estratos sociais é considerado inadequado, anormal, podendo ser visto até como patológico.

Outro mecanismo bastante utilizado pela autora como forma de atingir o mesmo objetivo que o risível – o de se redesenhar os espaços sociais – é a ironia. Tal ferramenta é facilmente percebida em poemas como:

uma mulher gorda
incomoda muita gente
uma mulher gorda e bêbada
incomoda muito mais

uma mulher gorda
é uma mulher suja
uma mulher suja
incomodaincomoda
muito mais

MIGUEL, R.

uma mulher limpa
rápido
uma mulher limpa
(FREITAS, 2012, p.15)

A autora faz uma paródia com a canção popular “Um elefante incomoda muita gente”, trocando o ‘elefante’ por ‘gorda’ e posteriormente por bêbada. O poema acima pode ser completado com os versos de outro poema presente no livro, ambos do mesmo capítulo: “uma mulher sóbria/ é uma mulher limpa/ uma mulher ébria / é uma mulher suja”. Freitas denuncia novamente a padronização de comportamentos às mulheres, que além de seguirem uma rigorosa norma estética, não podem se embriagar. Demonstrando inclusive como esses comportamentos são associados à sujeira e como a higienização de pessoas que fogem a essas condutas ainda é tão presente em nossa sociedade.

A limpeza também aparece em outros poemas, como:

Uma mulher braba
Não é uma mulher boa
E uma mulher boa
É uma mulher limpa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
a mulher era braba e suja
braba e suja e ladrava

porque uma mulher braba
não é uma mulher boa
e uma mulher boa
é uma mulher limpa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas

não ladra mais, é mansa
é mansa e boa e limpa
(FREITAS, 2012, p.11)

Aqui temos a limpeza associada à submissão, outro comportamento requerido às mulheres. Limpeza aqui entendido como sinônimo também de pureza, outra característica imposta às mulheres.

O poema relata como em tempos antigos a mulher ladrava, era suja e braba, o que demonstra insubordinação, mas com o tempo perdeu sua braveza e se “purificou”, se tornou mansa e limpa, finalmente uma mulher boa. Teve de perder sua insubmissão para se tornar uma mulher socialmente aceita.

A limpeza aqui também é associada à castração, já que para ser considerada limpa a mulher teve que abdicar de si, de suas “sujeiras” e se dedicar ao cuidado da casa e da aparência.

No último verso do poema vemos então que a mulher agora “é mansa e boa e limpa”, brincando com a última palavra que tanto pode ser lida como um adjetivo ou um verbo, esse último referindo-se a outra atividade comum ligada às mulheres: a limpeza.

Em uma entrevista para a revista Trip, Angélica Freitas, fala sobre a escrita dessa série de poemas:

(...) pra essa primeira série, eu penso muito no que as pessoas podem entender dela. É irônica (...) fico imaginando se as pessoas pensariam que é uma ironia (o que é de fato), ou se achariam que eu acredito que uma mulher gorda era ruim. Então eu me propus a fazer essa série de poemas pra saber o que sairia disso. Vê, é uma inquietação. Não é um livro ativista, panfletário. É muito mais reflexão que quero dividir. Acho até que os poemas ficam *nonsense* no final. E eu me pergunto na verdade, se esse não é o único caminho que consegui chegar, sabe? Acho que quanto ao feminino, muita coisa é *nonsense* mesmo, não faz sentido. Acho que o que a gente considera do feminino, ou de comportamentos de mulher, muita coisa é inventada, criada, convenção. Penso

MIGUEL, R.

que a gente aprende desde pequenininha como devemos nos comportar, como ser mulher. Então eu acho que coloquei as mulheres dos poemas em situações que não concordo, que não têm sentido pra mim. Outra forma de ironizar. (FREITAS apud CÔRTEZ, 2012)

Claramente Freitas não acredita que uma mulher gorda incomode, mas se utilizando da ironia desnuda os padrões estético-corporais – e irreais – que acometem as mulheres e denuncia os discursos que legitimam esse padrão. Assim que se percebesse a ironia, imediatamente a poeta aproxima-se de nós e nos pergunta: “O que é que te incomoda em uma mulher gorda? Qual é o problema?”. E a resposta, obviamente, é o que o problema está em nós.

É importante observarmos as similaridades entre riso, paródia e ironia, sendo:

“modalidade vizinhas e, como tal, tem em comum, quase sempre, a função de questionar um modelo maniqueísta, seja ele qual for (...) contrariando, muitas vezes, uma ideologia que se diz séria e ocasionando, pois, discursos polifônicos e conflitantes.” (ALAVARCE, 2008, p. 14)

Como vimos anteriormente a ideologia vigente é do patriarcalismo e submissão feminina, que traz consigo diversas problemáticas que vão desde menores salários até os padrões estético-corporais. É dentro dos questionamentos dos discursos que reforçam esses padrões que Freitas fala, à medida que contraria – através da paródia, riso e ironia – essa ideologia vigente séria ou comum. Trazendo esses “desvios” para o campo da existência.

Alvarce disserta também sobre algumas das funções da ironia, entre elas se encontram a função corretiva:

(...) A ironia possui também (...) uma função corretiva, sobretudo quando ela é utilizada pela sátira. Assim, quando a ironia assume a função atacante, haveria, então, uma “motivação

MIGUEL, R.

positiva” para que uma crítica tão agressiva fosse realizada: a finalidade de corrigir os vícios e as loucuras da humanidade.” (ALAVARCE, 2008, p.57)

Podemos notar a função corretiva no poema citado anteriormente, à medida que a paródia realizada no poema tem, ainda que de modo subversivo, uma motivação positiva, propor a revisão de nossas estruturas sociais.

Outra função da ironia é a “distanciadora” é ela que permite que o “ironista e mesmo o interpretador da ironia se afastem, se distanciem de uma dada situação a fim de olhá-la sob uma nova perspectiva” e através desse distanciamento é possível “perceber incongruências e ambiguidades e olhar os fatos que nos rodeiam sob uma ótica nova” o que possibilita um alargamento de nossa visão e permite “que o sujeito recuse a tirania dos discursos monológicos e dos julgamentos explícitos” (ALAVARCE, p. 54, 2008). Fenômeno que ocorre em todo o livro.

Freud (1970), em seu tratado acerca dos chistes e sua relação com o inconsciente, discursa acerca do prazer cômico e as maneiras de causar comicidade. Uma das maneiras apontadas pelo autor é através do “desmascaramento”, definido como:

o método de degradar a dignidade dos indivíduos, dirigindo a atenção para as fragilidades que partilha com toda a humanidade (...) O desmascaramento equivalerá aqui a uma advertência: tal e tal pessoa, que é admirado como um semideus, é afinal de contas um ser humano como você e eu. Aqui também incluem-se os esforços de desnudar o monótono automatismo psíquico subjacente à riqueza e aparente liberdade das funções psíquicas. (p.132)

O cômico mostra-se então um mecanismo eficiente para desnudar as fragilidades humanas e mostrar os automatismos de pensamento. É

MIGUEL, R.

desmascarando a condição humana que Angélica Freitas obtém o cômico e o efeito que advém desse – o riso.

O riso é um abraço ao impossível, Verena Alberti afirma que o riso e cômico são “indispensáveis para o conhecimento do mundo e para a apreensão da realidade plena” (1999, p.12) e que o primeiro nos “permite pensar o que não pode ser pensado” (ibidem, p.15). Desse modo, através dele é possível acessar concepções que estão fora do pensamento-comum. Isso dá ao riso uma função emancipadora à medida que ele possui o poder de denunciar a arbitrariedade de pensamento e romper com as ideologias dominantes. Temos, portanto, na poética de Angélica Freitas, o riso e a ironia como “uma possibilidade de alargar o conhecimento, propondo novas formas de se olhar para o mundo.” (ALAVARCE, 2008, p.73).

O riso, segundo Pedro Murad, denuncia a “desordem latente no projeto de ordenamento do mundo” (2007, p.122). É isso que faz Angélica Freitas ao construir uma literatura de apontamento as representações do feminino que são diversas, plurais e muitas vezes frutos de construções sociais. Demonstrando como a mulher não é uma figura imóvel que deve se apoiar em práticas castradoras para se firmar como tal, mas que se constitui a partir de suas individualidades.

Para Bergson “o riso castiga os costumes” (2007, p.13). E não é isso que Freitas faz a todo o momento? Condena, através da linguagem, as condutas machistas do cotidiano. A autora passa por cima de quaisquer censuras e revela uma poesia que, para além do riso desprezioso, provoca profunda reflexão. Utilizando o riso, a ironia e a paródia, por meio de uma linguagem rotineira e de uma aparente simplicidade no trato das questões, a autora propõe uma revisão aos papéis sociais e as consequências que eles ainda causam as mulheres.

Por esses mecanismos, Freitas subverte o lugar comum e põe sob suspeita qualquer discurso que naturalize esse comportamento, ao mesmo tempo em que convida o leitor a se retirar de sua zona de

MIGUEL, R.

conforto e rever essas manifestações, afinal como a própria poeta diz: “a mulher é uma construção” (FREITAS, 2015, p.45).

Mas, acima de tudo esse livro é também instrumento para as mulheres, afinal por ele é possível reconhecer a si e aos absurdos dos discursos-comuns. E pelo reconhecimento, subverte-los, construindo uma identidade própria que resista a imposição dos discursos de outrem. O riso, transgressor como é, pode ser espaço para mudança de olhar ante as identidades e sexualidades, além de espaço para reflexão sobre a concepção, o trato e o papel da mulher na sociedade, que ainda nega a essa o direito sobre sua própria existência.

MIGUEL, A. R. Resistência através do riso e da ironia em Angélica Freitas. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 211-231, 2017.

RESISTANCE THROUGH LAUGHTER IN ANGELICA FREITAS

ABSTRACT: This article aims to reflect how feminist theory, concerning the social and behavioral roles attributed to woman is made through humor in the book *O utero é do tamanho de um punho* (2012) written by the poet Angélica Freitas. Investigating, above all, how the combat to this discourses that still reinforce these behaviors today is made by the author, who uses Humor to evidence gender issues in the reality of the 21th century.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian poetry; Laughter; Feminist Criticism; Poetry.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAVARCE, Camila. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. 2008. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008. cap. 3, 4 e 5.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.FGV.1999.

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes*. Paris: Galliard (Bibliothèque de la Pléiade), 1961, p.975987 [De l'essence du rire et

MIGUEL, R.

généralement du comique dans les arts plastiques]. Tradução de Zênia Faria: Sobre a essência do riso. Disponível em: <https://projetos.extras.ufg.br/joomla_proec/revista_ufg/dezembro2006/textos/essencia_riso.pdf> Acesso em: 24 jul. 2017.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERGSON, Henri. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CORTÊZ, Natacha. “Um útero é do tamanho de um punho” [entrevista]. In: *Revista TRIP*, 2012. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/um-utero-e-do-tamanho-de-um-punho>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. 8 v. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Tradução e notas de James Strachey, p.118-155. E-book.

MURAD, Pedro. Riso e Aniquilação: a comicidade em Bergson e Pirandello. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p.117-128, jul./dez. 2007.

NOGUEIRA, Jucilene Braga Alves Mauricio. (Des) limites: a sexualidade na poesia de angélica freitas. *Revista Fórum Identidades*. Itabaiana: Gepiadde, v. 20, jan./abr., p. 69-83, 2016.

PIETRANI, Anélia Montechiari. Questões de gênero e política da imaginação na poesia de Angélica Freitas. *Revista Fórum Identidades*. Itabaiana – UFS, v. 14, jul/dez 2013.